



UNICAMP

EVENTO: VIOLISTA YURI BASHMET NO BRASIL

VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO

DATA: 09 abr 96

PÁGINA: D-2

SEÇÃO: CADERNO 2



MÚSICA

Yuri Bashmet defende o prazer de interpretar

Violista russo se apresenta de hoje a quinta, em SP, para comemorar dez anos de Os Solistas de Moscou

CARLOS HAAG
Especial para o Estado

Perguntam ao violinista de uma orquestra: se ele pudesse matar, impunemente, dois membros desse grupo, quem escolheria? "Primeiro, o maestro, e depois, o violista", diz. "E por que nessa ordem?", perguntam. "Primeiro o dever, depois o prazer", responde o violinista. O autor da piada é o violista russo Yuri Bashmet, um dos maiores virtuosos da viola, e, nas horas vagas, um colecionador voraz de piadas sobre o seu instrumento.

Defensor ferrenho da viola, vítima favorita da língua ferina dos músicos de orquestra, Bashmet confessa que demorou a descobrir a paixão pelo instrumento. Na adolescência foi um guitarrista cabeludo, de bigode à

George Harrison. Namorou o violino e só depois entregou-se à injustiçada viola.

Seu talento musical levou-o também à regência. A primeira tentativa, ao fundar a Orquestra Moscou-Montpellier, frustrou-se. Bashmet não desistiu e criou Os Solistas de Moscou, com os quais se apresenta, de hoje à quinta-feira, no Cultura Artística, na turnê comemorativa dos dez anos do conjunto.

Estado — Vista como algo entre o violino e o cello, a viola chega a ser desprezada pelos músicos. Como você chegou a ela?

Yuri Bashmet — Aos 14 anos, vendo o sucesso que os Beatles faziam na Rússia pós-stalinista, decidi criar um grupo pop e fiquei mesmo popular como guitarrista em Lvov, na Ucrânia, minha cidade natal. Mas, desde os 8 anos, aprendia violino na escola de música. Chegou o dia em que eu tinha que tomar uma decisão. Um amigo que tocava viola falou sobre as dificuldades de se es-

tudar violino. Disse que, com a viola, mais fácil, teria tempo livre para tocar guitarra. Mas Jimi Hendrix virou moda e, naquela época, eu não o entendi. Pensei: tocar guitarra assim eu não quero.

Estado — Foi então Hendrix quem o levou à viola?

Bashmet — (risos) Pode-se dizer que sim, mas só mais tarde é que passei a admirar Hendrix. Mas ao mesmo tempo havia um concurso à vista e minha mãe aconselhou-me a seguir a música erudita. Tudo se juntou e, ao ganhar o concurso, larguei o pop e fui estudar viola no Conservatório de Moscou. Mas quando ouço Pink Floyd ou Sting, tenho nostalgia do que teria feito.

Estado — Há lugar também para a música brasileira?

Bashmet — Em pop, não, mas quando ouvi a *Bachianas* nº 5, de Villa-Lobos, foi como uma explosão nuclear. A Rússia tem uma relação especial com o Brasil. Há um livro de



Yuri Bashmet, na adolescência, foi um guitarrista cabeludo e com bigode de George Harrison

Ilya e Petrov (*dúpla de escritores soviéticos satíricos dos anos 20 e 30, de grande sucesso*) que fala justamente do sonho infantil do protagonista de viajar ao Rio de Janeiro. O livro foi proibido pelas autoridades, porém todo mundo o conhece e, assim, o Rio virou sinônimo de sonho de criança, coisa de fantasia.

Estado — Você nunca pensou em unir a viola ao pop?

Bashmet — Acho que são coisas que não se misturam. Veja, fui profissional do pop e soube como as coisas são. A música erudita é uma elegia de muitos insights, emocionante. Nela, quando se fala de amor, fala-se de Romeu e Julieta. No jazz, o amor leva ao sexo e, no pop, ao orgasmo (risos).

Estado — Você saberia definir a mágica da viola?

Bashmet — Pense comigo: enquanto o som do cello é suave e quente, o som do violino é muito brilhante. Já a viola tem aquele som místico, frio e filosófico. Bach dizia, quando a tocava, sentir-se dentro da polifonia. Outro fã da viola foi Mozart. Ela não é um instrumento entre o cello e o violino, mas está no centro de tudo e os outros dois é que se posicionam à esquerda e à direita da viola.

Estado — Você é muito ligado à música contemporânea. A viola é um bom instrumento para os sons modernos?

Bashmet — O melhor. Vivemos o final do século e do milênio. A viola é um instrumento mais filosófico que cellos e violinos e esse é o tempo ideal para a sua sonoridade. Tudo bem que haja muitas piadas sobre ela. Aliás, você sabe por que as piadas de viola são curtas? Para que os violinistas consigam entendê-las e se lembrar delas (risos). Agora, a sério: a viola é um instrumento hermafrodita, mulher e homem, e, por isso, ela e o amor são sinônimos. Seu diapasão amplo é capaz de expressar o ser humano naquilo que é universal, o amor. A melhor coisa que Deus nos deu.

Estado — E seu lado de regente? O que ocorreu com a Orquestra Moscou-Montpellier?

Bashmet — Para entendermos o seu fim, precisamos nos lembrar da Rússia dos tempos soviéticos, quando faltava comida e tudo mais. Foi nesse período que criei a orquestra. Eu dirigia um conjunto em Moscou, com pessoas entre 40 e 50 anos, que passavam necessidades. Surgiu, então, o vírus pós-soviético — todos queriam deixar a URSS. Para salvar essa orques-

tra, aceitei um contrato em Montpellier. Os integrantes se mudaram para lá. Fariam qualquer coisa para não perder a orquestra. Queriam que durasse para sempre, mesmo à custa da liberdade.

Estado — Mas há falta de liberdade na França?

Bashmet — As autoridades francesas eram socialistas, e o partido socialista francês não é nada democrático. Eram stalinistas, queriam poder completo sobre a orquestra. Não pude aceitar essas condições autoritárias porque a liberdade, para mim, é tudo. Já o pessoal da orquestra gostou. Sentia uma nostalgia do socialismo russo. Eu seria também obrigado a me mudar para lá, mas não abro mão de morar em Moscou.

Estado — Como foi criar um novo grupo, após aquela experiência pouco animadora?

Bashmet — Eu não queria mais criar grupo algum. Mas a mulher de Sviatoslav Richter procurou-me e disse que havia jovens no conservatório que precisavam de minha ajuda. Recusei convites de outras orquestras e me dediquei a eles.

Estado — Fale sobre os dez anos dos Solistas.

Bashmet — A primeira formação pensava apenas em dinheiro e estabilidade. Foi substituída por gente mais aberta, menos soviética, que sabe o que significa responsabilidade e disciplina.

Violista queria ser guitarrista pop

Maestro e um dos grandes solistas da atualidade consolidou a fama do instrumento

Demorou, mas vingou. O ucraniano Yuri Bashmet queria mesmo era ser guitarrista pop, ou, na pior das hipóteses, violinista, um perigo real e imediato, pois, estudante da escola de música de Lvov desde os 8 anos, chegou a ser o melhor aluno de violino de seu grupo.

Porém, desanimado face ao fenômeno Jimi Hendrix e também avisado pela mãe — "Sem ela eu

hooligan", costuma dizer Bashmet — de que carreiras pops eram efêmeras como as modas, mudou para a viola e, aos 18 anos, já laureado num concurso, entrou para o Conservatório de Moscou. Ao final do curso, ganhou o privilégio de ser o professor mais jovem contratado pela instituição que forma a nata musical russa.

GRUPO QUE
FUNDOU É O
MELHOR DA
RÚSSIA

Alguns prêmios e concertos internacionais mais tarde, Bashmet consolidou a si e ao seu instrumento, em geral menosprezado em relação ao violino e ao violoncelo. Foi com ele que a viola pôde entrar no Scala de Milão e no Concertgebouw de Amsterdã. Como seu

compatriota, Cidon Kremer, Bashmet é um campeão da música contemporânea e de seus compositores, em especial de Schnittke, que lhe dedicou um concerto para viola e orquestra. Popularizado em toda a Rússia pelos sucessos e por seu programa de TV sobre música erudita, o violista atendeu ao chamado primal da regência orquestral. Até 1982 tentou, sem sucesso, manter a Orquestra Moscou-Montpellier e, em 1986, aceitou criar Os Solistas de Moscou.

Grupo de câmara que reúne 20 músicos, todos alunos e professores do Conservatório Tchaikovsky, Os Solistas é hoje o melhor conjunto do gênero na Rússia. Já solaram a seu lado nomes como Richter, Rostropovich e Natalia Gutman, além de Bashmet, que, apesar da regência, não abre mão da viola. (C.H.)

Lugar ideal da viola é sempre na oposição à orquestra

Diz o *Dicionário Grove de Música* sobre a viola: "Uma versão contralto do violino, com o qual se parece. As cordas são afinadas uma quinta abaixo da afinação do violino; a sonoridade, apesar de menos enérgica, mais do que se iguala à do violino em riqueza e calor

emotivo." Algo maior do que o violino, a viola é um dos instrumentos mais incômodos para se tocar, devido à extensão de seu espelho.

Vista como prima pobre do violino, refúgio de violinistas medíocres, a viola só ganhou espaço no Romantismo graças ao seu poder de expressar

a melancolia. Beethoven deu-lhe espaço no quarteto; Berlioz a fez solista; Ravel e Debussy a transformaram na filósofa da orquestra; e, finalmente, Bartók, Walton e Hindemith escreveram concertos em que a viola encontrou o seu lugar ideal: na oposição à orquestra. (C.H.)